



A Realidade Urbana no Telejornalismo: Uma abordagem fenomenológica da produção de notícias na TV¹.

Rostand de Albuquerque Melo²
PPCG / UFPB

RESUMO:

Partindo-se da discussão sobre as relações entre o telejornalismo e o cotidiano, pode-se compreender como as linguagens midiáticas se inserem no modo de vida urbano atuando na construção de uma forma peculiar de percepção da realidade social. Para compreender a constituição do que podemos chamar de um “senso comum” da redação e a construção de visões “apriorísticas” sobre o cotidiano da cidade, optou-se por uma abordagem fenomenológica, fundamentada em conceitos propostos por Alfred Schutz e na noção de construção social da realidade. Tomando como objeto de análise o telejornalismo local, propõe-se como escolha metodológica a aplicação da *Etnometodologia*. O objetivo é compreender como os jornalistas de TV vêem (percebem) a vida urbana no contexto específico de uma capital nordestina, como João Pessoa na Paraíba, e de que maneira esse enquadramento peculiar é reconstruído em uma narrativa marcada pelas técnicas e procedimentos do telejornalismo e da linguagem audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE:

Telejornalismo, Fenomenologia, Construção Social da Realidade, Etnometodologia.

Introdução

Ao se analisar, por meio de uma abordagem fenomenológica, o processo de produção de notícias na linguagem televisiva, busca-se compreender a construção de uma forma específica de percepção da realidade. Trata-se de um enquadramento sobre o mundo da vida cotidiana que se estrutura por meio da aplicação de mecanismos peculiares de apreensão do real pela mídia televisiva. A imagem, o tom coloquial, a oralidade, a imediatez, a velocidade, a fragmentação e a espetacularização são características desse espaço de construção simbólica. Tais aspectos constituem esse

¹ Trabalho apresentado ao I Colóquio Internacional Televisão e Realidade: UFBA, outubro de 2008.

² Mestrando em Comunicação e Culturas Midiáticas pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB), onde desenvolve pesquisa como Bolsista CAPES sobre as representações da vida urbana no telejornalismo local. Jornalista graduado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: rostandmelo@gmail.com.

ponto de vista por meio do qual o jornalista de TV percebe o “mundo sensível” que o cerca, transformando-o em espaço de significação em um processo institucionalizado de produção de discursos e representações sobre o cotidiano. Os critérios e procedimentos de seleção, formatados pelas regras internas do campo jornalístico e da gramática televisiva, são então naturalizados pelos agentes sociais envolvidos no processo.

Sistematiza-se assim uma forma de conhecimento sobre a realidade construída intersubjetivamente, mas regulada pela técnica e pelos padrões estéticos da mídia televisual. Nesta análise, parte-se do pressuposto de que o jornalismo atua como uma forma de conhecimento do cotidiano. Este conceito fundamenta-se nas idéias propostas por Vizeu (2005b), de que os telespectadores podem ter acesso aos fatos da realidade social por meio da mediação do telejornalismo, e das discussões apresentadas por Meditsch (1997) sobre as características e efeitos do jornalismo enquanto forma de conhecimento.

Para compreender as estratégias de percepção adotadas pelos jornalistas no produção de produção e difusão desse modo específico de conhecimento, adotou-se a aplicação de conceitos formulados por Alfred Schtuz, como atitude natural, suspensão da dúvida, realidade eminente e mundo da vida (*Lebenswelt*), ou mundo do senso comum. Na construção de uma filosofia da realidade vivida, ou de uma fenomenologia da atitude natural, Schtuz (2003) contribui para a compreensão das estruturas de sentido da vida cotidiana. A aplicação desses pressupostos em uma análise voltada para as formas de apreensão da realidade social pela esfera midiática podem elucidar questões sobre a construção social da realidade por meio do telejornalismo em um contexto de midiatização da esfera pública. Ao consideramos os jornalistas envolvidos neste processo como atores sociais, se torna pertinente a adoção de pressupostos metodológicos que se baseiam em uma atitude compreensiva sobre a ação e a subjetividade dos membros da organização social estudada, neste caso, a redação de um telejornal local, o JPB 1ª Edição da TV Cabo Branco, afiliada Rede Globo na Paraíba.

Telejornalismo e senso comum: diálogos e aproximações

O jornalismo, sobretudo o noticiário televisivo, ao se deparar com a necessidade imperiosa de lidar com os fatos na medida em que estes supostamente acontecem, motivados pela lógica da imediatez, do tempo real e da transmissão ao vivo, e pela necessidade de “dar antes a notícia” proporcionada pela concorrência, está se utilizando de mecanismos de apreensão da realidade com características similares ao conhecimento do senso comum, sem deixar de ser um conhecimento técnico e regulado. Assim como aponta Meditsch (1997, p. 06) “ao se fixar na imediatividade do real, o jornalismo opera no campo lógico do senso comum, e esta característica definidora é fundamental”. Ao ter de compreender, ou pelo menos descrever, os fatos na imediatez do transcorrer dos fatos, os profissionais do jornalismo precisam criar “representações” e tipificações para tornar o cotidiano compreensível, em um exercício rotineiro que possui certa similaridade aos mecanismos de apreensão do real no senso comum e da idéia de atitude natural presente em Schutz. Esse exercício de apreensão do real possui uma dupla funcionalidade inerente aos objetivos da produção jornalística, pois um repórter, produtor ou editor necessita não apenas tornar a complexidade do cotidiano compreensível para si, algo imprescindível para o êxito de seu trabalho na execução das rotinas produtivas, mas precisa principalmente tornar este conhecimento produzido sobre a realidade social compreensível para o público a que se destinam as notícias ou reportagens resultantes desse processo.

Entretanto não se trata de um conhecimento do senso comum, mas um conhecimento institucionalizado. Quando se busca aproximações sobre a forma de perceber o cotidiano do homem comum e no jornalismo, é importante destacar que a percepção jornalística é moldada pelas regras internas do campo, pelas injunções do mercado e pela linguagem midiática adotada, no caso do objeto de estudo desde trabalho, a linguagem audiovisual em um gênero televisivo específico: o telejornalismo.

Assim como o senso comum, o telejornalismo se apresenta como um conhecimento conjugado em tempo presente, um conhecimento do “aqui e agora”. No mundo do senso comum, a percepção que cada indivíduo constrói sobre a realidade exterior é orientada pelas coordenadas da experiência pessoal, pois, assim como

demonstra Schutz(2003, p. 19) “o lugar que meu corpo ocupa no mundo, meu aqui e agora é o ponto de partida a partir do qual me oriento no espaço”. Na apuração jornalística, sobretudo a televisiva, o tempo presente se impõe pela imediatez exigida como uma das razões de ser de uma notícia, uma de suas características fundamentais. Um exemplo disto pode ser percebido em reportagens televisivas onde mesmo que se busque uma contextualização em fatos passados ou se tentem traçar perspectivas para o futuro, os repórteres o fazem ancorados em fatos não apenas recentes, mas também ainda em andamento, em processo. Este é o desafio enfrentado pelos jornalistas: interpretar e produzir significados sobre um fato enquanto este ainda está ocorrendo.

Uma forma de se criar a sensação de acesso imediato a um acontecimento é o recurso das entradas “Ao vivo”. Isso porque a transmissão direta simula ou proporciona a sensação no telespectador de presenciar tal acontecimento no espaço do “Aqui e agora” da vida cotidiana. Por meio da linguagem audiovisual e das transmissões “Ao Vivo” e em “tempo real”, a TV proporciona uma sensação de contato testemunhal entre os telespectadores e o fato narrado. Cria-se uma sensação de “experiência vivida” sobre o fato assistido na tela, como se tal fato também estivesse sendo “compartilhado” à distância pelo público em suas salas de estar.

Além de direcionar à atenção nesta análise aos efeitos das rotinas produtivas na produção de uma abordagem simplificadora sobre o cotidiano e a realidade social, pretende-se tentar perceber as brechas possíveis neste processo de produção industrial de significados. Brechas capazes de abrir possibilidades de surgimento de novos pontos de vista e novas abordagens que possam dar conta (de forma simples, porém não simplificadora) da complexidade do cotidiano e das relações sociais que o compõem. Entretanto, pode-se perceber na análise e no acompanhamento das coberturas jornalísticas uma tendência que aponta para a disposição da mídia em rapidamente absorver essas novas abordagens, pasteurizando enquadramentos nas engrenagens das rotinas produtivas. O que em um primeiro momento surge como alternativa, pode se tornar modelo ao se repetir nas esteiras da linha de produção de sentidos do jornalismo. O que de início pode significar ruptura pode ser metabolizado pela mídia e se transformar em fórmula pré-estabelecida, em clichê.

A atitude natural na apuração de notícias e a tipificação do inesperado

Ao se estabelecer uma relação entre a forma de conhecimento característica do senso comum e o saber técnico-institucional de uma redação jornalística, se faz necessário a adoção de pressupostos teóricos e metodológicos que dêem conta da compreensão das formas de percepção utilizadas pelo homem comum em seu cotidiano. Sem esta fundamentação, não seria viável a compreensão dos mecanismos da percepção da realidade do senso comum apropriados pela linguagem do telejornalismo. Afinal, trata-se de um objeto de estudo relacionado intrinsecamente com a subjetividade dos sujeitos envolvidos e suas inter-relações. Para empreender este investida reflexiva, foram adotados os pressupostos da fenomenologia de Schtuz adaptada a discussão sobre as interações que compõem o processo de negociações inerente as rotinas jornalísticas. Esta escolha epistemológica se deve a capacidade da fenomenologia de contribuir para a compreensão da estrutura e significação do mundo do senso comum, aqui entendido enquanto “mundo intersubjetivamente partilhado pelo homem na atitude natural” (SCHUTZ, 2003. P. 16). Para Schutz, o mundo do senso comum é o que também podemos chamar de mundo da vida (*Lebenswelt*), que se caracteriza por ser o espaço de resistência e ação, sendo assim a cena da ação social. A noção de intersubjetividade é inerente ao conceito de mundo da vida, pois este só é possível por meio do encontro de homens que mantém uma relação de mútuo entendimento. A dicotomia clássica da sociologia entre indivíduo e coletividade é aqui entendida não como oposição, mas como complementaridade. O mundo da ação social é construído no encontro da experiência única e subjetiva de um agente social com as percepções construídas e compartilhadas por outros tantos atores sociais que habitam uma mesma esfera da vida cotidiana. Neste contexto a comunicação exerce um papel constitutivo, pois é por meio da linguagem que os indivíduos podem objetivar suas subjetividades, ou seja, é por meio da linguagem que o homem torna o seu mundo interior acessível aos outros indivíduos, tornando a relação possível.

O senso comum pode então ser compreendido como um saber não formalizado, sem regras fixas ou instrumental definido. Assim como nos aponta Schtuz (idem, ibidem), “as estruturas da vida cotidiana não são apreendidas

formalmente pelo senso comum. Ao invés disso, o senso comum vê o mundo, atua nele e o interpreta por meio de tipificações implícitas”. Este mundo da vida cotidiana se caracteriza por ser apresentado como pressuposto, como “apriorístico”. É um mundo que existe antes nascermos e onde nos inserimos sem termos de, necessariamente, questioná-lo. É um mundo que apreendemos como real partindo da premissa de que o mundo simplesmente está aí. Partindo-se desse pressuposto, podemos compreender dois conceitos fundamentais na fenomenologia de Schtuz e que estão intrinsecamente relacionados: realidade eminente e atitude natural.

A realidade eminente é o mundo da ação, do executar e da linguagem na vida diária. Esta é a “realidade que o individuo pressupõe e na qual vive credulamente dentro da atitude natural.” (op. cit. P. 29). Dessa forma, a atitude natural é a postura não questionadora que o individuo adota em suas atividades mais corriqueiras e que organiza sua forma de vida e suas percepções de mundo na vida cotidiana. Baseia-se em tipificações que tornam o mundo compreensível por meio de estruturas pré-existentes, que já conhecemos de forma implícita, mas que são utilizadas de acordo com as situações que surgem no decorrer da vida diária. Estas tipificações são “receitas que (os indivíduos) utilizam como técnicas para compreender, e ao mesmo tempo controlar, aspectos de sua experiência” (op. cit. P. 18). As situações do cotidiano são enfrentadas por meio de estruturas que tornam familiar aquilo que se busca conhecer. A cada nova situação, os homens não precisam criar imediatamente novas formas de agir, pois se utilizam do que Schutz chama de “acervo de conhecimento à mão”, ou seja, estruturas pré-estabelecidas que tornam a ação possível no aqui e agora da vida cotidiana. Para que isso ocorra, não é necessário que se tenha consciência disto, simplesmente se age assim na atitude natural. Assim sendo, “a realidade eminente se baseia na verdade aparente da atitude natural” (op. cit. P. 29).

Em linhas gerais, pode-se aplicar esta noção de realidade eminente e atitude natural a análise de qualquer grupo humano ou organização específica. Na rotinização do mundo do trabalho, por exemplo, seria possível compreender a naturalização de ações corriqueiras, que depois de serem aprendidas pelo membros de um determinado grupo não são mais questionadas pelos seus realizadores, apenas aplicadas as

demandas da vida cotidiana. Entretanto, quando se trata das rotinas de produção jornalística essa reflexão sobre as tipificações e a atitude natural se torna ainda mais complexa, pois se tratam de operações institucionalizadas de interpretação da realidade que não disseminadas socialmente. O jornalista tipifica o mundo ao seu redor não apenas para si, mas também para o seu público. Tais tipificações além de se basearem em experiências anteriores, devem ser elementares a tal ponto que possam ser compreendidas por um público relativamente indeterminado e heterogêneo.

Partindo-se da aproximação entre as estratégias implícitas de compreensão do real no senso comum e os mecanismos de apreensão do real no telejornalismo, busca-se compreender o estabelecimento de ações, tipificações e representações que se repetem e se legitimam no processo de apuração, produção e edição de notícias na TV. Busca-se assim compreender a atitude natural de um jornalista de TV em situação típica, relacionada com as regras e injunções do campo midiático. Buscando exemplos práticos para esta afirmação, pode-se dizer que assim como ao apertarmos o interruptor esperamos que a luz acenda, o jornalista ao receber uma pauta espera que o fato a ser narrado possua determinadas características para se torne notícia e conteúdo midiático. Naturaliza-se a ação e seus efeitos ou conseqüências. Neste contexto o jornalista opera tipificações, formas de organizar a realidade para torná-la compreensível por meio da adoção de formas pré-estabelecidas de percepção da realidade social. Assim como discute Moretzsohn (2007. p. 137)

Os sempre apressados repórteres “moldam o inesperado” em cânones simplificadores não apenas – ou não necessariamente – porque raciocinam dessa maneira, mas porque é dessa maneira que interessa atender à expectativa do público por esse inesperado passível de enquadramento, isto é, traduzível nos termos do senso comum. O caráter de novidade, portanto se expressa no malabarismo que procura conferir ineditismo a situações corriqueiras.

A própria noção de ineditismo surge aqui como uma tipificação. Os acontecimentos supostamente “inesperados” só se tornam notícia se forem passíveis de serem encaixados em uma série de classificações pré-estabelecidas possíveis de serem absorvidas pela estrutura de apuração das redações jornalísticas. Dito de outra

forma, assim como nos mostra Moretzsohn (op. cit.), o inesperado é previsível em um processo de produção contínua de conteúdo e que para conseguir funcionar depende de um intenso processo de rotinização. Essa estratégia de ação gera o que a autora identifica como um “processo de simplificação do mundo operado diariamente pelo jornalismo, que, assim, a pretexto de trazer o novo, acaba trazendo o mesmo” (MORETZSOHN, 2007. p. 137).

Para tornar compreensível a complexidade da realidade sensível e assim poder “digeri-la” nas engrenagens da mídia, os jornalistas se utilizam de outro recurso apontado por Schtuz como uma forma de conhecimento do cotidiano: o estabelecimento de sistemas de relevâncias. Só assim, os jornalistas podem guiar e fundamentar suas ações e sistematizar os critérios que irão definir o que se torna notícia ou não, o que vai ao ar ou não e com qual abordagem. Esse sistema de relevâncias é construído e compartilhado coletivamente de acordo com os interesses, necessidades e valores dos membros do grupo que o criou.

Em uma abordagem fenomenológica da produção de notícias na TV, para compreender a maneira como os jornalistas percebem a realidade se faz necessário adotar o que Husserl chamou de “redução fenomenológica”, ou seja, a “suspensão de todos os hábitos naturais do pensamento” (SCHUTZ, 2003. P. 116). Essa atitude metodológica se caracteriza pela suspensão da crença nas ações que naturalizamos na atitude natural da vida cotidiana.

Trata-se de buscar suspender a atitude natural, por meio da ação de questioná-la para compreendê-la. Esse exercício filosófico de “por o mundo entre parêntesis”, torna possível a descoberta do “caráter intencional de todo nosso pensar” (op. cit. P. 114). E como nos mostra Schtuz, o âmbito da intencionalidade é fundamental para a investigação fenomenológica. Dessa forma, busca apreender a essência das formas de pensar e agir que são naturalizadas na prática cotidiana, bem como nas motivações que se encontram diluídas em nossas escolhas mecanizadas pela rotina e camufladas pela atitude natural não questionada.

A “Ritualização” da Produção de Notícias na TV

Ao considerar a produção de notícias de televisão como o produto de uma série de rotinas produtivas, assim como nos aponta os estudos fundamentados na teoria do *newsmaking*³, pode-se considerar também alguns dos paradigmas do cotidiano presentes no interacionismo simbólico, que aqui será utilizado em uma perspectiva complementar para a compreensão das negociações inerentes às rotinas de uma redação. A idéia de que existe “uma estrutura de interação previamente socializada que ordena princípios de ação” (TEDESCO, 2003. p. 67), presente no interacionismo simbólico, também pode ser aplicada ao estudo das rotinas de produção da notícia. Existem normas que regulam o comportamento dos indivíduos que estão inseridos neste processo. Não apenas normas “técnicas”, mas também crenças e comportamentos regulados e exercidos no campo da subjetividade. As normas técnicas da profissão estão expressas de forma clara em manuais de estilo e redação, mas as “regras do jogo” que atuam no campo da subjetividade não aparecem de forma sistematizada. Tais regras regulam o comportamento dos indivíduos atuando como um código implícito, conhecido e construído coletivamente por quem pertence ao circuito de interações inerentes ao jornalismo. Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma ritualização da produção da notícia. É neste processo que “as regras do jogo” se tornam parte da atitude natural que um jornalista adota em seu agir cotidiano.

As práticas cotidianas do fazer jornalístico, apontadas pela teoria do *newsmaking*, definem critérios que serão utilizados cotidianamente pelos profissionais da área como filtros que determinam quais os fatos podem, ou não, se tornar noticiáveis. Pode-se afirmar que esse conjunto de práticas busca objetivar um processo que na verdade é intrinsecamente subjetivo, pois trata de uma interpretação e representação da realidade. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia são conceitos fundamentais para a compreensão do cotidiano dos jornalistas, pois segundo Vizeu (2005a), tais fatores exercem um papel fundamental naquilo que o autor chama de “rotinização do trabalho jornalístico”. Nessa perspectiva, os procedimentos adotados na produção diária de material jornalístico são “naturalizados” e

³ Ver Pena (2006).

incorporados na forma de agir e pensar dos jornalistas e em suas decisões editoriais. Tornam-se, por meio da repetição, ações ritualísticas.

A definição dos valores-notícia se dá em um processo de constante negociação, ou seja, a adoção de cada critério de noticiabilidade é relativa a um contexto específico, a um fato socioculturalmente determinado, além de uma série de aspectos subjetivos que influenciam este processo, apesar da tentativa constante de objetivá-lo por meio da “rotinização”.

Esse processo provoca a impressão de que telejornais de emissoras concorrentes e linhas editoriais distintas estão tratando dos mesmos assuntos e utilizando as mesmas abordagens. Dito de outra forma, percebem e representam a realidade pelo mesmo ponto de vista. É o produto de um olhar “domado” pelas técnicas e regras da notícia. Isso se deve a naturalização de procedimentos que são considerados como o padrão estabelecido e que, como tal, devem ser seguidos, regulando assim o processo de produção de sentido no jornalismo contemporâneo. Tais critérios parecem “incontestáveis”, conferindo aos profissionais a certeza de que o “faro jornalístico” a eles atribuído aponta para o caminho correto, que por diversas vezes aparenta ser o único possível:

Os jornalistas estão convencidos que detêm um conhecimento preciso do que interessa ao público, assim como as melhores formas que devem ser adotadas para contar uma estória. Na contrapartida, quanto mais julgam que sabem, mais parecem que, na busca de adequação às demandas das rotinas produtivas, da cultura profissional e da linguagem do veículo, produzem o mesmo, condicionam suas visões de mundo. (PICCININ, 2006, p.143).

Para a autora, os telejornais tornam-se vozes de versões estereotipadas dos acontecimentos. A avaliação editorial é feita a partir de um julgamento de importância baseada no gosto de uma “audiência presumida” (VIZEU, 2005a), uma idealização de um público que possui um comportamento imprevisível, mas que os jornalistas seguem na tentativa de encontrar um modelo que agrade e seduza a este público heterogêneo. Assim sendo, essa idealização do público e do seu gosto será seguida pelos jornalistas como regra estabelecida e roteiro de trabalho. Como aponta Piccinin

(2006. p. 144), os diversos telejornais utilizam critérios parecidos para presumir o que a audiência quer, resultando em produtos semelhantes, isso, pois “os jornalistas padronizam seus comportamentos editoriais”. Já sobre a adoção massificada de uma fórmula padrão, afirma que “não são formatos originais utilizados nas diferentes histórias, mas histórias originais tratadas conforme padrões, através dos quais se perdem as nuances e os vieses mais particulares e enriquecedores dos acontecimentos.” (idem. op. cit, p. 145).

Essa forma padrão de agir interfere visivelmente no conteúdo daquilo que vai ao ar. “Um dos efeitos da busca do telejornalismo por soluções e modelos narrativos foi o surgimento de uma estrutura estandardizada e homogeneizadora da notícia na televisão.” (SALOMÃO apud PICCININ, 2006, p. 144). É o que pode-se chamar de “Pasteurização do real”. Por não dar conta da complexidade do real, o jornalismo simplifica e reduz os acontecimentos a uma narrativa elementar, seguindo uma receita própria do veículo TV. Essa homogeneização se reflete no cotidiano, agora representado como algo coeso e uníssono, relativizando-se sua intrínseca diversidade e heterogeneidade.

Aplicação do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia

Noções importantes nos estudos interacionistas como “ritualização”, “representações”, “estratégias e circunstâncias de interação” podem ser aplicados a análise da produção jornalística quando consideradas enquanto relações entre sujeitos, entre atores sociais. A noção conceitual de “imponderáveis do cotidiano” (TEDESCO, 2003. p. 67) se faz relevante para a análise, ao observar e descrever como os profissionais da notícia procuram ordenar a realidade confusa da vida cotidiana por meio de regras de comportamento, na tentativa de prever ou até mesmo evitar a impertinência do “outro” nas interações. Mas é por meio da perspectiva metodológica que a proposta de pesquisa se aproxima com mais ênfase do interacionismo. Ao optar pela etnometodologia, adota-se o que poderíamos chamar, de acordo com Pais (2003), de um “paradigma interpretativo” onde se pretende apreender a realidade social “atrás dos olhos do ator” (op. cit). Entretanto, ao enfatizar a interação como ponto determinante da ação social, o interacionismo coloca em segundo plano as grandes

estruturas que constituem o foco das atenções da sociologia clássica, assim como das organizações sociais. Ao privilegiar a subjetividade dos atores sociais, o interacionismo secundariza as variáveis sociais mais estruturais ou estruturalizantes. Se considerarmos a mídia apenas como uma instituição social, os atores que a compõem poderiam exercer um papel secundário na análise. Mas, ao percebê-la como espaço simbólico de produção de sentidos e representações, adota-se uma perspectiva subjetiva sem a qual não seria possível compreender a interação dos sujeitos inseridos no processo. Negar as variáveis subjetivas da linguagem midiática impossibilitaria a compreensão dos mecanismos constantes de significação que operam as representações sociais no interior do discurso jornalístico.

Violência e Tensão Social: um Exemplo de Enquadramento Jornalístico.

Para contextualizar a discussão teórica sobre as representações do espaço urbano no telejornalismo local da cidade de João Pessoa-PB e facilitar o entendimento em torno das questões que norteiam esta pesquisa, faz-se necessário a adoção de um exemplo de reportagem jornalística para demonstrar quais os aspectos que devem ser considerados na análise. Ao observar a forma pela qual é representado o cotidiano dos moradores de 2 bairros pessoenses na matéria exibida pelo JPB 1ª Edição de 29 de maio de 2008, pode-se perceber a existência de um mecanismo estruturado de construção de um enquadramento em torno dos fatos narrados que interfere na percepção sobre os espaços da cidade e os lugares de atuação dos atores sociais. A seguir, a transcrição na íntegra da matéria:

(ÂNCORA) Saúde, segurança, educação./ Os problemas no bairro São José são muitos./ Para tentar encontrar uma solução, O Ministério Público Estadual e outras instituições, fizeram agora de manhã uma reunião./ O prefeito Ricardo Coutinho foi convidado e participou dos debates.//

(OFF⁴/REPÓRTER) Dona Léia mora do bairro São José a mais de vinte anos./ Aqui criou os dois filhos e tira o sustento da família./ Para ela o bairro é tranquilo.//

⁴ OFF: “Leitura do texto sem a imagem do repórter ou locutor no vídeo” (CURADO, 2002. p. 187)

(SONORA⁵/MORADORA 1) *Todo mundo pode ficar tranquilo e vir aqui no bairro de São José por sinal assim a noite eu peço remédio, o rapaz da farmácia pode mandar o remédio sem medo que aqui não acontece nada não...*

(OFF/REPÓRTER) Existe muito preconceito aqui no bairro né?

(SONORA/MORADORA 1) *Muito preconceito que é preconceito demais, demais, demais, demais, que as pessoas ficam impedidas de arrumar um trabalho, ficam com vergonha de dizer onde mora, eu mesmo fico porque as pessoas ficam lhe olhando de olho atravessado pra pessoa dizendo assim isso é um marginal, mas aqui tem muita gente decente, muito pai de família. Se chegar naquela ponte de manhã vê a quantidade de bicicleta que passa com as pessoas que vão trabalhar, a noite a mesma coisa. (sic)*

(OFF/REPÓRTER) E só dar um passeio pelas ruas para provar que quase ninguém se sente tão seguro quanto Dona Léia./ As grades estão por todos os lados.//

(SONORA/MORADORA 2) *Tem que botar uma grade por causa da segurança, por causa das crianças./ A gente tem que viver sempre trancado com medo dos bandidos.//*

(OFF/REPÓRTER) Quem mora em Manaíra, bairro vizinho ao São José, também anda com medo da violência.//

(SONORA/ MORADOR 3) *De manhã, de tarde, de noite. Agora ninguém “dá parte” porque ninguém resolve. (sic)*

(OFF/REPÓRTER) Para Tentar diminuir o problema o ministério público estadual resolveu unir forças com a gestão municipal.//

(SONORA/ PREFEITO) *Uma parte do trabalho ela é fundamental, o emprego, a sobrevivência, a geração de renda, isso é fundamental. Quando a gente consegue chegar junto com a sobrevivência,*

⁵ Sonora: “Termo que se usa para designar uma fala de entrevista” (PATERNOSTRO, 1999. p. 151).

automaticamente você tem um descongestionamento, uma desconcentração da tensão social.// (sic)

É interessante observar que a matéria se fundamenta basicamente por impressões baseadas no senso comum expressas nas falas dos entrevistados. Entretanto, o enfoque da matéria aparece nitidamente determinado pelo pressuposto do problema da violência, tema central da reportagem. Apesar de a primeira entrevistada considerar o bairro de São José um lugar “tranquilo”, esta impressão é desconstruída na seqüência pelo texto da repórter que enfatiza o uso de grades pelos moradores com imagens das casas e com a fala de outra moradora. O estereótipo de marginalidade que existe em torno do bairro surge na matéria e pode ser percebido quando se trata do tema preconceito. Estereótipo que funciona como fio condutor da matéria e que é reforçado pelo discurso jornalístico.

Apesar da fala da moradora sobre a realidade que vivida por ela, a matéria apresentada uma visão “apriorística” sobre a realidade representada. A violência e a tensão social são elementos que já estão pré-definidos como pertencentes ao Bairro de São José e lhe são atribuídos pelo compartilhamento de visões de mundo sobre este lugar que são historicamente determinadas e são que já circulam na sociedade. O telejornalismo dá ressonância aos estereótipos ao utilizá-los com argumento central do VT. Trata-se uma visão do senso comum construída socialmente legitimada pela técnica de apuração jornalística. O resultado dessa forma de percepção da realidade é a adoção de enquadramentos pré-estabelecidos e simplificadores, por vezes maniqueístas e redutores, assim como discute Schudson (apud MORETZSOHN, 2007. P. 134):

Isto é o que a imprensa realiza melhor: matérias adequadas, que têm antecipadamente seus pontos finais, e cujos pontos finais resultam de possibilidades simples, binárias – a eleição ou o jogo será ganho ou perdido, o índice Dow-Jones vai subir ou descer, o acusado será julgado culpado ou inocente, o criminoso foi preso ou está a solta, o paciente sobrevive ou morre, a criança está desaparecida ou foi encontrada.

A reportagem citada traça uma divisão simbólica entre bairros próximos geograficamente, mas que possuem realidades sociais distintas. Enquanto o bairro de São José possui uma infra-estrutura precária marcada por uma ocupação irregular, o vizinho bairro de Manaíra possui uma estrutura privilegiada e é considerado como um lugar habitado por pessoas de alto poder aquisitivo. Usos, atribuições e significados são atribuídos aos espaços da cidade na narrativa jornalística. Esses espaços urbanos são redefinidos simbolicamente pelo telejornalismo que constrói e propaga uma forma peculiar de percepção do cotidiano, formatada pelo enquadramento jornalístico. Mas para compreender melhor o mecanismo de produção de sentido sobre o cotidiano urbano no jornalismo de TV, se faz necessário não apenas analisar o material que é exibido pelos telejornais, mas observar e descrever o processo de produção e as interações que o constituem.

Considerações Finais:

O objetivo dessa análise é compreender como são construídas e como funcionam formas específicas de explicação da realidade que se repetem na narrativa telejornalística. Percebe-se que, apesar da complexidade do fenômeno analisado, existem estruturas essenciais que constituem o processo de construção social da realidade promovido pelo jornalismo na tentativa de se inserir no cotidiano e representá-lo em conteúdo midiático. São estas estruturas de percepção que constituem o foco desta análise e sobre o qual nos debruçaremos no decorrer da pesquisa para compreendê-las sistematicamente. Dessa forma, por mais que a transmissão “ao vivo” e a suposta objetividade jornalística proporcionem uma sensação de acesso direto aos fatos tais quais eles aparentam ser, sempre estará presente o caráter de mediação característico das linguagens midiáticas.

Se o jornalismo pode ser considerado como uma forma de conhecimento que contribui no compartilhamento de informações e parâmetros que serão utilizados pelos cidadãos comuns no processo de construção social da realidade, torna-se pertinente compreender como este conhecimento é produzido na relação entre aspectos intersubjetivos do senso comum e a institucionalização do campo midiático.

Referências:

- CURADO, O. **A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- MAFFEZOLI, M. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Conferência proferida nos Cursos de verão da Arrábida, Portugal, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em 12 de agosto de 2008.
- MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos: Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PATERNOSTRO, V. I. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.
- PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PICCININ, F. O telejornal de "intermezzo": questões sobre a TV e o jornalismo em transição. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 5, Aracaju-SE, 2007. **Anais...** Aracaju-SE: SBPJOR, 2007.
- REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.
- SCHUTZ, A. **El Problema de La Realidad Social**. 2 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- TEDESCO, J. C. **Paradigmas do Cotidiano: Introdução à Constituição de um Campo de Análise Social**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNESC; Passo Fundo:UPF, 2003.
- VIZEU, A. **O Lado Oculto do Telejornalismo**. Florianópolis, SC: Calandra, 2005.
- _____. **Telejornalismo: o Conhecimento do Cotidiano**. COMPÓS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm>>. Acessado em 12/01/2008.